

ADAMS, G.W. *Rome and the Social Role of Élite Villas in its Suburbs*. Oxford, Archaeopress, 2008. BAR International Series 1760. 156 pp. ISBN 9781407302492.

Pedro Paulo A. Funari\*

O estudo das fazendas romanas apresenta grande tradição, tendo em vista a relevância dos assentamentos rurais para a vida social, econômica e mesmo cultural. Adams apresenta uma contribuição original, ao voltar-se para as vilas de elite escavadas ou prospectadas nas redondezas da cidade de Roma. Seus objetivos consistiram em três partes, a começar por explorar o conceito de *villa suburbana* e de subúrbios. Em seguida, procurou reunir um estudo detalhado dos restos materiais e datados de *villae suburbanae*. Por fim, tentou determinar se havia padrões de relação entre os espaços públicos e privados nas fazendas suburbanas, de modo a compreender o assentamento romano em outros centros urbanos de época romana na península itálica. O volume conta com as plantas de 65 fazendas, complementados por 42 gráficos e duas imagens adicionais.

Essas fazendas próximas à cidade tinham tanto uma função produtiva agrícola, como um papel social de residência. Nem todos os assentamentos suburbanos eram vilas, pois estas sobressaíam no ambiente e permitiam um estilo de vida sofisticado e luxuoso. A metodologia de estudo valoriza a análise estatística do espaço dedicado nas fazendas às diversas atividades, em particular aquelas de aparato e entretenimento. Adams reconhece que as discussões recentes sobre a multi-funcionalidade dos espaços nas casas romanas torna o quadro complexo, mas não elimina a utilidade de uma oposição binária entre áreas voltadas para a recepção e o entretenimento, e outras mais reservadas e produtivas.

Um capítulo trata das vilas costeiras (*villae maritimae*), com sua particular mescla de *amoenitas* (amenidades) e *fructus* (produção agrícola). São identificados três tipos de assentamento: *villae rusticae*, *maritimae*, *suburbanae*. As primeiras eram fazendas com menos de 1.000 metros quadrados, com pouco espaço de entretenimento. A *villa maritima* era quase o exato oposto, com domínio absoluto de áreas destinadas ao *otium* e *amoenitas*, em direta ligação com o mar, sem produção agrícola, mas com potencial para exploração comercial dos recursos marinhos. Já as *villae suburbanae* combinavam o luxo com a função agrícola. Estas são estudadas nos capítulos seguintes, a começar pela questão controversa das origens das suburbanas, que o autor recua para o século VI a.C. (contra Carandini). O ápice da ocupação deu-se no período do Principado, quando surgem e se disseminam as residências imperiais. Adams dedica um capítulo às casas e palácios da cidade, cujas plantas demonstram o domínio do entretenimento e aparato. Exerciam uma função de ostentação de poder.

Com isso, o estudo das vilas suburbanas imperiais adquire sentido, também como expressão do poder, com crescente atenção dedicada ao espaço de entretenimento. Nota, de maneira original, que as vilas não eram apenas influenciadas pela arquitetura urbana, mas que mesmo a *Domus Aurea* ressoa elementos oriundos das *villae suburbanae*. A discussão geral que conclui a obra apresenta uma série de conclusões. As quintas suburbanas misturam *rusticitas* e *urbanitas*, em terrenos caros e valorizados, num raio de quarenta quilômetros em torno de Roma. Essas herdades chegavam a dimensões impressionantes, só comparáveis

(\*) Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP. ppfunari@uol.com.br.

com os palácios imperiais no Palatino. As regiões mais caras e valorizadas eram as áreas tiburtinas e albanas. O subúrbio romano era encarado como uma extensão da *urbs*, por parte da elite, um lugar onde se podia usufruir o *otium* e a *luxuria*, na companhia de seus pares e sem o temor da censura imperial.

A abordagem de Adams funda-se no pressuposto de que as fontes literárias, usadas em profusão no corpo da obra, coadunam-se com as evidências arqueológicas, embora reconheça que estas não apenas confirmam a tradição literária, como apresentam dados e informações de outra forma indisponíveis. Assim, o quadro da ocupação do subúrbio aparece, à luz dos restos materiais, variado, com um assentamento menos suntuoso e mais agrícola na planície, do que nas áreas mais elevadas. Já o potencial de informações independentes e mesmo contraditórias, em relação à tradição textual, é pouco explorado. Isto se explica tanto por questões epistemológicas, quanto pelo uso que se faz da cultura material. Por um lado, Adams adota uma leitura das fontes sem considerar seu caráter narrativo, sua subjetividade como gênero literário: *the ancient*

*literary sources provide a clear depiction of the lifestyles that were led by Tiberius and Gaius Galigula on Capri* (p. 77). Embora reconheça que diversos estudiosos não levam muito a sério tais descrições, Adams aceita o quadro geral dessas narrativas enviesadas. Como o livro se centra nas grandes construções de elite, ressentem-se menos dessa lacuna, na medida em que as fontes antigas também se voltam para os ricos e poderosos. Em seguida, o recorte do autor se restringe às plantas das fazendas, sem se ocupar dos artefatos, de tijolos a ânforas, passando por outros objetos relevantes para a composição de um painel mais amplo da evidência material. Não cabe dúvida que o uso apenas da documentação arquitetônica é uma delimitação legítima, como estratégia de pesquisa, mas ambos os fatores levam o leitor a se perguntar se o quadro não seria ainda mais complexo, com a consideração, por exemplo, das evidências de camponeses, escravos, os dados de consumo de azeite e vinho, ou de produção agrícola. De qualquer forma, o volume constitui uma contribuição relevante para um tema – o assentamento rural – cujo interesse tem crescido nas últimas décadas.

*Recebido para publicação em 30 de dezembro de 2009.*